

## A TORRE DE BASILEIA

ADAM LEBOR

# A TORRE DE BASILEIA

A História Sombria do Banco Secreto  
que Governa o Mundo

Tradução de  
DINIS PIRES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

*Para Justin Leighton e Roger Boyes, que fazem as perguntas certas*

*«O Banco é completamente livre de qualquer  
controle governamental ou político.»*

— Gates McGarrah, primeiro presidente  
do Banco de Pagamentos Internacionais, 1931<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

O clube mais exclusivo do mundo é composto por dezoito membros. Todos os domingos às sete da tarde, reúnem-se na sala de conferências E, num bloco circular da torre cujos vidros fumados dão para a estação central de comboios de Basileia. A reunião dura uma hora, porventura hora e meia. Alguns dos presentes levam um assessor, mas estes raramente falam durante um dos mais confidenciais conclaves. A reunião termina, os assessores saem, e os que ficam jantam na sala de refeições no décimo oitavo andar, confiantes de que a comida e o vinho serão soberbos. A refeição, que se prolonga até às onze ou mesmo meia-noite, é o momento em que mais se trabalha. O protocolo e a hospitalidade, aperfeiçoados há mais de oito décadas, são impecáveis. Tudo o que se diz à mesa, tenha-se em conta, não deve ser repetido fora dali.

Poucos, ou mesmo nenhuns, dos que fruem da sua cozinha sofisticada e dos seus vinhos *grand cru* — dos melhores que a Suíça pode oferecer — seriam reconhecidos pelos transeuntes, mas grande parte deles contam-se entre as pessoas mais poderosas do mundo. Estes homens — são quase todos homens — são banqueiros de bancos centrais. Vieram a Basileia para participar na Comissão Económica Consultiva (ECC) do Banco de Pagamentos Internacionais (Bank for International Settlements — BIS), que é o banco para os bancos centrais. Entre os

atuais membros encontramos Ben Bernanke, presidente da Reserva Federal dos EUA; Sir Mervyn King, governador do Banco de Inglaterra; Mario Draghi do Banco Central Europeu; Zhou Xiaochuan do Banco da China; e os governadores dos bancos centrais da Alemanha, da França, de Itália, da Suécia, do Canadá, da Índia e do Brasil. A eles junta-se Jaime Caruana, ex-governador do Banco de Espanha, administrador-geral do BIS.

No início de 2013, quando este livro foi impresso, King, cujo mandato como governador do Banco de Inglaterra terminaria em junho de 2013, estava à frente da ECC. Esta comissão, que costumava ser conhecida como assembleia dos governadores do G-10, é a mais influente das várias assembleias do BIS, aberta apenas a um pequeno e restrito grupo de banqueiros de bancos centrais de economias avançadas. A ECC faz recomendações aos membros e à organização das três comissões do BIS que lidam com o sistema financeiro mundial, os sistemas de pagamento e os mercados internacionais. A comissão também prepara propostas para o Fórum Económico Mundial e orienta a sua agenda.

A reunião começa às 9h30 de segunda-feira na sala B e dura três horas. King preside os governadores dos bancos centrais dos trinta países considerados mais importantes na economia mundial. A juntar aos presentes no jantar de domingo, a reunião de segunda-feira inclui representantes, por exemplo, da Indonésia, da Polónia, da África do Sul, da Espanha e da Turquia. Os governadores de quinze países mais pequenos, como é o caso da Hungria, de Israel e da Nova Zelândia, estão autorizados a assistirem na qualidade de observadores, mas não costumam intervir. Os governadores de bancos membros de terceira categoria, como a Macedónia e a Eslováquia, não têm permissão de participar. Ao invés, têm de procurar informações em intervalos para café ou refeições.

Os governadores dos sessenta bancos membros do BIS usufruem então de um almoço *buffet* na sala de jantar do décimo

oitavo andar. Desenhada pela Herzog & de Meuron, firma de arquitetos suíça que construiu o Estádio «Ninho de Pássaro» para os Jogos Olímpicos de Pequim, a sala de jantar tem paredes brancas, um teto preto e vistas espetaculares sobre três países: Suíça, França e Alemanha.<sup>2</sup> Às duas da tarde os banqueiros e os seus assessores regressam à sala B para a reunião de governadores a fim de discutir questões de interesse, até a reunião terminar às cinco horas.

King tem uma abordagem muito diferente do seu antecessor, Jean-Claude Trichet, ex-presidente do Banco Central Europeu, na presidência da Assembleia de Economia Mundial. Trichet, segundo um ex-governador de um banco central, foi notoriamente gaulês no estilo: defensor do protocolo que chamava os banqueiros a falar por ordem de importância, começando com os governadores da Reserva Federal, do Banco de Inglaterra e do Bundesbank, progredindo depois para baixo na hierarquia. King, pelo contrário, adota uma abordagem mais temática e igualitária: abrindo as reuniões ao debate e solicitando o contributo de todos os presentes.

Os conclaves dos governadores desempenharam um papel crucial na determinação da resposta mundial à crise financeira. «O BIS tem sido um ponto de encontro muito importante para os banqueiros centrais durante a crise, e cada vez se justifica mais a sua existência», disse King. «Tivemos de enfrentar desafios com que nunca nos deparáramos. Tivemos de descobrir o que se passava, que instrumentos usamos quando as taxas de juro estão perto de zero, como comunicamos políticas. Discutimos isto em casa com o nosso pessoal, mas é extremamente importante que os governadores se juntem e discutam as questões entre si.»

Tais discussões, segundo estes responsáveis de bancos centrais, devem ser confidenciais. «Quando estamos no topo, o lugar superior pode ser demasiado solitário. Ajuda podermos encontrar-nos com outros na mesma posição e dizer, “eis o meu problema,

como resolvê-lo?»), continuou King. «Podemos falar de modo informal e aberto sobre as nossas experiências tem sido de imenso valor. Não falamos num fórum público. Podemos dizer o que realmente pensamos e acreditamos, e podemos colocar questões e beneficiar de outras.»<sup>3</sup>

A direção do BIS esforça-se de modo a garantir que o ambiente é amigável e sociável durante o fim de semana, e parece que com êxito. O banco providencia uma frota de limusinas para ir buscar os governadores ao aeroporto de Zurique e levá-los a Basileia. São organizados pequenos-almoços, almoços e jantares separados para os governadores de bancos nacionais que supervisionam economias de diferentes tipos e dimensões, pelo que ninguém se sente excluído. «Os líderes dos bancos centrais sentiam-se mais em casa e descontraídos com os seus colegas do que com os seus próprios governos», recordou Paul Volcker, ex-presidente da Reserva Federal norte-americana que participou nos fins de semana de Basileia.<sup>4</sup> A soberba qualidade da comida e do vinho ajudavam à camaradagem, disse Peter Akos Bod, ex-governador do Banco Nacional da Hungria. «Os tópicos principais de discussão eram a qualidade do vinho e a estupidez dos ministros das Finanças. Quem não percebia de vinhos não se podia juntar à conversa.»<sup>5</sup>

E a conversa costuma ser estimulante e prazenteira, dizem os governadores dos bancos centrais. O contraste entre a Comissão Federal do Mercado Aberto (FOMC) na Reserva Federal dos EUA e os jantares de domingo entre os governadores do G-10 era notável, observou Laurence Meyer, que integrou o Conselho de Governadores da Reserva Federal entre 1996 e 2002. O presidente da Reserva Federal nem sempre representou o banco nos encontros de Basileia, pelo que por vezes era Meyer quem participava. As discussões no BIS eram sempre muito vivas, focadas e instigantes. «Nas reuniões da FOMC, quando estava na Reserva Federal, quase todos os membros da comissão liam declarações que haviam sido preparadas com antecedência. Raras vezes se referiam a declarações de outros

membros da comissão e quase nunca havia uma troca de impressões entre dois membros ou uma discussão ativa sobre o panorama ou sobre as opções políticas. Nos jantares do BIS as pessoas por acaso falam entre si e as discussões são sempre estimulantes e interativas, focadas nos problemas sérios que a economia mundial enfrenta.»<sup>6</sup>

Todos os governadores presentes na reunião de dois dias têm a garantia de total confidencialidade, de discrição e de níveis elevadíssimos de segurança. As reuniões têm lugar em vários andares que costumam ser apenas usados quando os governadores estão presentes. Os governadores usufruem de um gabinete pessoal, do apoio necessário e de uma equipa de secretariado. As autoridades suíças não têm qualquer jurisdição nas instalações do BIS. Fundado por um tratado internacional, e mais protegido ainda pelo Acordo de Sede de 1987 com o governo suíço, o BIS goza de proteções similares às concedidas à sede das Nações Unidas, do Fundo Monetário Internacional (FMI) e de embaixadas diplomáticas. As autoridades suíças precisam da autorização da direção do BIS para entrarem nos edifícios do banco, que são descritos como «invioláveis».<sup>7</sup>

O BIS tem o direito de comunicar por código e de enviar e receber correspondência em malas que beneficiam da mesma proteção que as embaixadas, ou seja, que não podem ser abertas. O BIS está isento dos impostos suíços. Os seus funcionários não têm de pagar impostos sobre os salários, que costumam ser generosos, criados para competir com o sector privado. Em 2011 o salário do diretor-geral era de 763 930 francos suíços, enquanto os chefes de departamento recebiam 587 640 por ano, além de subsídios generosos. Os extraordinários privilégios jurídicos do banco também se estendem aos seus trabalhadores e aos seus diretores. Os executivos gozam de um estatuto especial, semelhante ao dos diplomatas, quando cumprem os seus deveres na Suíça, o que significa que as suas malas não podem ser inspecionadas (a não ser que existam provas de um óbvio

ato criminoso) e que os seus documentos são invioláveis. Os governadores dos bancos centrais que viajam até Basileia para as reuniões bimensais gozam do mesmo estatuto em solo suíço. Todos os oficiais da banca são imunes perante a lei suíça, até ao fim da vida, por todas as ações levadas a cabo durante o exercício das suas funções. O banco é um sítio popular para trabalhar e não só por causa dos salários. Os cerca de seiscentos funcionários são oriundos de cerca de cinquenta países. O ambiente é multinacional e cosmopolita, ainda que muito suíço, enfatizando a hierarquia do banco. Como muitos dos que trabalham para as Nações Unidas e para o FMI, alguns funcionários do BIS, sobretudo os executivos, são movidos por um sentido de missão, de que trabalham por um propósito maior, quase celestial, e por isso são imunes a considerações normais de responsabilização e transparência.

A administração do banco preparou-se cuidadosamente para qualquer eventualidade, de modo que a polícia suíça nunca tivesse de ser chamada. A sede do BIS tem sistemas de aspersão de alta tecnologia com vários substitutos, instalações médicas internas e a sua própria casamata na eventualidade de um ataque terrorista ou de um conflito armado. De acordo com a lei suíça, os bens do BIS não estão sujeitos a ações civis e não podem nunca ser confiscados.

O BIS guarda com rigor o secretismo dos banqueiros. As atas, a agenda e a lista de presenças da Assembleia de Economia Mundial ou da ECC não podem ser divulgadas. Isto acontece porque não são redigidas quaisquer atas oficiais, ainda que por vezes os banqueiros tomem as suas notas. Posteriormente, sucederá algumas vezes uma curta conferência de imprensa ou uma declaração sem interesse, mas nada ao pormenor. Esta tradição de confidencialidade privilegiada vem desde a fundação do banco.

«A quietude de Basileia e o seu carácter absolutamente apolítico oferecem um cenário perfeito para assembleias igualmente

calmas e apolíticas», escreveu um funcionário norte-americano em 1935. «A regularidade dos encontros e a participação quase total de praticamente todos os membros do Conselho de Administração fazem com que atraiam pouco mais do que uma tímida notícia na imprensa.»<sup>8</sup> Passados quarenta anos, pouco mudou. Charles Coombs, ex-chefe da divisão FOREX da Reserva Federal de Nova Iorque, participou nas assembleias de governadores entre 1960 e 1975. Os banqueiros que tinham permissão de entrada no santuário das assembleias dos governadores tinham total confiança entre si, recordou Coombs nas suas memórias. «Por mais dinheiro que estivesse envolvido, nunca eram assinados acordos nem se iniciavam memorandos de entendimento. Bastava a palavra de cada oficial, e nunca havia desilusões.»<sup>9</sup>

Então, porque é que temos de nos preocupar? Os banqueiros têm-se reunido em confidencialidade desde a invenção do dinheiro. Os banqueiros centrais gostam de se ver como os sumo-sacerdotes do mundo financeiro, tecnocratas que orientam misteriosos rituais monetários e uma liturgia financeira apenas entendida por uma pequena e seleta elite.

Acontece que os governadores que se encontram em Basileia todos os meses são funcionários públicos. Os salários, os bilhetes de avião, as contas de hotel e as pensões de luxo aquando das suas reformas são pagos pelo erário público. As reservas nacionais detidas pelos bancos centrais são dinheiro público, a riqueza das nações. As discussões dos banqueiros centrais no BIS, a informação que partilham, as políticas avaliadas, as opiniões trocadas e as posteriores decisões tomadas são profundamente políticas. Os governadores de bancos centrais, cuja independência é constitucionalmente protegida, controlam a política monetária do mundo desenvolvido. Gerem o financiamento das economias nacionais. Definem as taxas de juro, decidindo, portanto, o valor das nossas poupanças e dos nossos investimentos. Decidem se nos focaremos na austeridade ou no crescimento. As suas decisões moldam as nossas vidas.

A tradição de secretismo do BIS já dura há muitas décadas. Por exemplo, durante a década de 1960, o banco acolheu o London Gold Pool. Oito países comprometeram-se a manipular o mercado do ouro para manter o preço à volta de 35 dólares por onça, em linha com os Acordos de Bretton Woods que governaram o sistema financeiro internacional pós-Segunda Guerra Mundial. Ainda que o London Gold Pool já não exista, o seu sucessor é a Comissão dos Mercados do BIS, que se reúne a cada dois meses por ocasião das assembleias dos governadores para discutir as tendências dos mercados financeiros. Nela participam representantes de vinte e um bancos centrais. A comissão divulga documentos ocasionalmente, mas a sua agenda e as suas discussões continuam secretas.

Atualmente os países representados nas Assembleias de Economia Mundial reúnem cerca de quatro quintos do produto interno bruto (PIB) mundial — a maior parte da riqueza produzida no mundo — de acordo com as estatísticas do BIS. Hoje em dia, os líderes dos bancos centrais «parecem mais poderosos que os políticos», escreveu o jornal *The Economist*, «tendo nas mãos o destino da economia mundial».<sup>10</sup> Como aconteceu isto? O BIS, a mais secreta instituição financeira mundial, pode reivindicar grande parte do crédito. Desde o primeiro dia de existência, o BIS dedicou-se a promover os interesses dos bancos centrais e a construir a nova arquitetura das finanças transnacionais. Ao fazê-lo, gerou uma nova classe mundial de tecnocratas solidários, cujos membros deslizam entre cargos muito bem remunerados no BIS, no FMI e nos bancos centrais e comerciais.

O fundador da cabala dos tecnocratas foi Per Jacobsson, o economista sueco que desempenhou as funções de consultor económico do BIS entre 1931 e 1956. O desinteressante título não refletia o seu poder e o seu alcance. Extremamente influente, com boas relações e tido em muito boa conta pelos pares, Jacobsson escreveu os primeiros relatórios anuais do BIS, que

eram — e continuam a ser — de leitura obrigatória nos ministérios das Finanças de todo o mundo. Jacobsson foi um dos primeiros defensores do federalismo europeu. Combatia incansavelmente a inflação, a despesa excessiva do Estado e a intervenção deste na economia. O economista abandonou o BIS em 1956 para assumir o controlo do FMI. O seu legado ainda molda o nosso mundo. As consequências da sua mistura de liberalismo económico, obsessão pelos preços e desmantelamento da soberania nacional revelam-se todas as noites nos boletins informativos e nos ecrãs televisivos europeus.

Os defensores do BIS negam que a organização seja secreta. Os arquivos do banco estão disponíveis e os investigadores podem consultar a maioria dos documentos com mais de trinta anos. Os arquivistas do banco são, de facto, cordiais, prestáveis e profissionais. No sítio do banco encontramos todos os relatórios anuais, que são descarregáveis, assim como inúmeros documentos de orientação estratégica produzidos pelo muito conceituado departamento de investigação. O BIS publica relatórios pormenorizados sobre os mercados de valores mobiliários e de derivados, assim como estatísticas da banca internacional. Mas estes são, em grande parte, compilações e análises de informação já existente no domínio público. Os pormenores das atividades principais do banco, incluindo as operações bancárias para os clientes, os bancos centrais e as organizações internacionais, continuam em segredo. As Assembleias de Economia Mundial e as outras assembleias financeiras fulcrais que têm lugar em Basileia, como é o caso da Comissão dos Mercados, continuam fechadas ao exterior. Pessoas singulares não podem ter uma conta no BIS, a não ser que trabalhem no banco. A opacidade, a falta de responsabilização e a cada vez maior influência do banco levantam questões profundas — não só em relação à política monetária, como também em relação à transparência, à responsabilização e ao modo como o poder é exercido nas nossas democracias.

\*

**Quando expliquei** a amigos e a conhecidos que estava a escrever um livro sobre o Banco de Pagamentos Internacionais, a resposta habitual foi um olhar intrigado, seguido de uma pergunta: «O banco de quê?» Os meus interlocutores eram gente inteligente, que segue a atualidade. Muitos tinham interesse pelas questões da economia mundial e das crises financeiras e uma boa compreensão das mesmas. Contudo, apenas meia dúzia ouvira falar do BIS. Estranhei, uma vez que o BIS é o banco mais importante do mundo e precede tanto ao FMI como ao Banco Mundial. Há muitas décadas que está ao centro da rede global do dinheiro, do poder e da influência mundial dissimulada.

O BIS foi fundado em 1930. Foi criado, de forma ostensiva, como parte do Plano Young para gerir os pagamentos por parte da Alemanha das reparações da Primeira Guerra Mundial. Os arquitetos principais do banco foram Montagu Norman, governador do Banco de Inglaterra, e Hjalmar Schacht, o presidente do Reichsbank que descreveu o BIS como o «meu» banco. Os membros fundadores do BIS foram os bancos centrais de Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Bélgica e um consórcio de bancos japoneses. Também foram oferecidas ações à Reserva Federal, mas os Estados Unidos, desconfiados de tudo o que pudesse violar a sua soberania nacional, recusaram a alocação. Ao invés, quem ficou com as ações foi um consórcio de bancos comerciais: o J.P. Morgan, o First National Bank de Nova Iorque e o First National Bank de Chicago.

O verdadeiro propósito do BIS estava pormenorizado nos seus estatutos: «Promover a cooperação dos bancos centrais e providenciar instalações adicionais para operações financeiras internacionais.» Era o culminar do sonho de há décadas dos líderes dos bancos centrais, o de terem o seu próprio banco — poderoso, independente e livre da interferência de políticos e de jornalistas intrometidos. Mais apropriado do que tudo, o BIS autofinanciava-se e era de duração eterna. Os seus clientes eram os

próprios fundadores e acionistas — os bancos centrais. Durante a década de 1930, o BIS era o ponto de encontro principal para uma associação secreta de responsáveis de bancos centrais, dominada por Norman e por Schacht. Este grupo ajudou a reconstruir a Alemanha. O *New York Times* descreveu Schacht, amplamente reconhecido como o génio por trás da ressurgente economia alemã, como «O Resoluto Piloto das Finanças Nazis». <sup>11</sup> Durante a guerra, o BIS tornou-se um braço *de facto* do Reichsbank, aceitando ouro saqueado nazi e levando a cabo acordos cambiais com o exterior para a Alemanha nazi.

A aliança do banco com Berlim era conhecida em Washington, DC, e em Londres. Mas a necessidade de o BIS continuar em funcionamento, de manter abertos os novos canais das finanças transnacionais, era talvez a única coisa com que todos os lados concordavam. Basileia era a localização perfeita, empoeirada como está no extremo norte da Suíça e praticamente na fronteira com a França e a Alemanha. A alguns quilómetros de distância, lutavam e morriam soldados aliados e nazis. Nada disso interessava ao BIS. As reuniões administrativas foram suspensas, mas as relações entre o pessoal do BIS das nações beligerantes continuavam cordiais, profissionais e produtivas. As nacionalidades eram irrelevantes. A lealdade primordial era para com a finança internacional. O presidente, Thomas McKittrick, era norte-americano. Roger Auboin, o diretor-geral, era francês. Paul Hechler, o diretor-geral adjunto, era membro do partido nazi e assinava a sua correspondência com «Heil Hitler». Raffaele Pilotti, o secretário-geral, era italiano. Per Jacobsson, o influente consultor económico do banco, era sueco. Os assistentes destes dois últimos eram britânicos.

Depois de 1945, cinco diretores do BIS, incluindo Hjalmar Schacht, foram acusados de crimes de guerra. A Alemanha perdeu a guerra mas ganhou a paz económica, em grande parte graças ao BIS. A legitimidade, o palco internacional, os contactos, as redes bancárias que o BIS providenciava, primeiro ao

Reichsbank e depois aos bancos que o sucederam, ajudaram a garantir a continuidade de interesses financeiros e económicos extremamente poderosos da era nazi à atualidade.

**Nos primeiros quarenta** e sete anos de existência, de 1930 a 1977, o BIS tinha base num antigo hotel, perto da estação central de comboios de Basileia. A entrada do banco estava tapada por uma loja de chocolates e o único sinal de que a estreita porta dava para o banco era um pequeno aviso. Os diretores acreditavam que os que precisavam de saber onde era o BIS o encontrariam, e decerto que o resto do mundo não precisava de saber. O interior do edifício mudou pouco ao longo das décadas, como recorda Charles Coombs. O BIS proporcionava as «acomodações espartanas de um antigo hotel vitoriano cujos quartos individuais e duplos foram transformados em escritórios simplesmente removendo as camas e instalando secretárias». <sup>12</sup>

Em 1977, o banco mudou-se para a sede atual na Centralbahnplatz 2. Não foi para longe e agora olha de cima para a estação central de Basileia. Hoje em dia, a principal missão do BIS, nas suas próprias palavras, é tripla: «Servir os bancos centrais na sua busca de estabilidade monetária e financeira, alimentar a cooperação internacional nestas áreas e agir como banco dos bancos centrais.» <sup>13</sup> O BIS é igualmente base de grande parte da infraestrutura prática e técnica de que a rede global de bancos centrais e dos seus pares comerciais precisa para funcionar sem problemas. Tem duas salas de negócios: na sede de Basileia e na filial de Hong Kong. O BIS compra e vende ouro e divisas aos seus clientes. Proporciona gestão de ativos e crédito a curto prazo aos bancos centrais quando é necessário.

O BIS é uma instituição única: uma organização internacional, um banco extremamente lucrativo e um instituto de investigação fundado, e protegido, por tratados internacionais. <sup>14</sup>